

Plantão de bioimagem

Rodrigo Dahia

— Boa noite, dona Telma! Tudo bem com a senhora?

Com o tom de voz empolgado que não sabia de onde conseguia tirar, Michael recebeu a última paciente da noite, torcendo para que ela não notasse o quão cansado ele estava. O quanto ele gostaria de estar em casa, ao invés de cumprindo horas extras pela falta de um colega.

— Boa noite, doutor! — Ele apenas sorriu ao ouvir o título; já tinha desistido de corrigir toda vez, e, a bem da verdade, sabia muito mais de exames de imagem do que grande parte dos médicos. — Esse exame é seguro, né? Fiquei morrendo de medo de vir fazer essa hora... já tá tudo escuro lá fora!

— Pode ficar tranquila! Acho que a gente tem que ter mais medo dos fantasmas e vampiros lá de fora do que da nossa ressonância aqui. — Deu dois tapinhas na imensa máquina em formato de tubo, sua grande parceira de trabalho, ganhando uma curta risada da paciente.

Conferiu a ficha dela: “Telma Lins, 53 anos, ressonância de crânio sem contraste, protocolo habitual, apenas hipertensa, negava alergias, negava próteses, negava tatuagens”. *Coisa simples*, pensou primeiro. *Mas não tem cara que vai dar pra fazer nenhuma renderização legal depois*, complementou, um tanto decepcionado de não poder aliar seu hobby às horas a mais no plantão.

As perguntas de controle, repetidas ali na sala de exame pela última vez, levantaram uma das sobrancelhas de dona Telma.

— Qual é o problema com prótese e tatuagem, hein, doutor?

O interesse dela reacendeu sua própria empolgação, e ele logo adotou seu modo “professor de biomedicina e imaginologia”.

— É que o aparelho de ressonância funciona com um forte campo magnético, sabia? Não podemos correr risco de algum material metálico no corpo interagir com o magnetismo, porque as consequências não seriam nada boas.

— E o que que a tatuagem tem a ver com isso?! — Ela estava mesmo incrédula.

— A tinta pode ter pigmentos com componente ferroso. De ferro, mesmo. Aí podem aquecer e causar desconforto, até queimaduras. — Michael adorava ver o olhar de surpresa das pessoas a essa informação. — E a gente quer que os pacientes fiquem paradinhos durante o exame, então uma queimadura não parece bom negócio.

Ela deu outra boa risada, e ele a acompanhou. *Nada como se distrair para amenizar um dia ruim.*

Posicionou dona Telma na maca do aparelho, explicou que ela ia ficar dentro do tubo, que tentasse ficar o mais imóvel possível pelo tempo da aquisição das imagens, que os plugs do ouvido serviam para reduzir o desconforto do barulho do aparelho, que aquele botão em sua mão direita podia ser apertado no caso de uma emergência, que ele ia estar na sala logo atrás daqueles vidros, de olho no que acontecia. Tudo que ele sempre dizia.

— Vou estar ouvindo tudo, e vou conseguir falar com a senhora pelo alto-falante para passar as instruções, certo?

Uma ligeiramente amedrontada paciente fez que sim com a cabeça e estendeu a mão para ele segurar. Uma mão bem gelada, por sinal.

— Confio em você, doutor Michael.

Com um sorriso no rosto, ele apertou forte a mão de gelo e a apoiou sobre a maca, logo tomando o rumo da sua “sala de controle”, como ele gostava de pensar, onde se sentia o capitão de uma espaçonave, com todas as suas possibilidades. Idealmente, um radiologista também deveria acompanhar o exame, mas, na clínica onde trabalhava, estes eram figurinhas raras. Ainda mais tão tarde da noite.

Preparou todos os controles e avisou à paciente que a maca ia se mover, levando-a para o tubo. Viu que ela esticou um polegar de positivo, e lá foi, se escondendo dentro do aparelho.

— Pronto, lembre de ficar bem parada agora, certo? Lá vem o barulhão.

E começou o exame, com a primeira das sequências de aquisição, mais veloz. O ruído peculiar, abafado pelos vidros grossos, que ele já conseguia reproduzir quase à perfeição de tanta experiência. Até que parou. Fim da primeira etapa, quase um aquecimento para a paciente.

— E aí, tudo certo?

O polegar em riste apareceu de novo, e ela ainda complementou:

— Só uma sensação um pouco estranha na cabeça, mas acho que é normal.

— Isso, às vezes o barulho e os plugs dão essa sensação esquisita mesmo. Mas a senhora foi muito bem! Vamos para os próximos, ok?

Novas aquisições começaram, o barulho tomando conta. Agora, para ver mais detalhes do tecido a ser estudado, a etapa durava mais. Ele acompanhava a tudo, olhando para a tela, quando as primeiras imagens do cérebro começaram a aparecer.

Só que ele não reconheceu bem o que viu. A uma olhada rápida, sim, era um cérebro dividido nas habituais fatias do pescoço até o topo, com sua substância cinza e sua substância branca e o líquido cefalorraquidiano ocupando os espaços; mas o brilho estava errado, a intensidade estava errada. *Nunca vi uma sequência axial em T1 desse jeito*, disse a si mesmo, pensando de maneira mais técnica. E não é que parecesse haver alguma doença afetando todo o encéfalo dela; era como se fosse todo ele fosse algo diferente, com vários pequenos círculos e linhas intercalados, ocupando o espaço onde haveria tecido cerebral, os axônios da substância branca. *Pode ser algum tipo de artefato de exame, ao invés de uma alteração real*, ele sabia.

— Vamos para mais um, certo?

A resposta veio com o mesmo polegar levantado, daquela mão mais fria do que o ar-condicionado.

E a sequência T2 foi ainda chamativa: conforme as imagens empilhadas da cabeça iam surgindo, os círculos apareciam outra vez, com uma borda bem brilhante e o centro escuro; as linhas eram majoritariamente escuras, mas em alguns cortes apareciam claras. A chance de aquilo não ser real caiu bastante. Ele moveu as imagens para cima e para baixo, olhando cada pedaço da cabeça de dona Telma. Percebeu que os círculos e as linhas eram menores quanto mais próximos do córtex, a porção mais externa. Notou que, quanto mais pra baixo descia, mais via círculos, e menos linhas.

— Tudo bem, dona Telma? Ainda faltam mais algumas.

Polegar para cima era igual a continuar o exame. Ainda mais agora, que ele estava muito curioso para ver o que apareceria no corte sagital, em que o cérebro seria fatiado de lado, de uma orelha até a outra.

Teve que levar as mãos à boca para não soltar uma exclamação. Os círculos que via nos cortes do outro sentido agora se mostravam iguais às linhas na visão axial, enquanto as linhas verticais passaram a ser vistas como os círculos. *É como se estivessem entrelaçadas!* Elaborou um modelo tridimensional na cabeça, e percebeu que havia linhas perpendiculares nas três direções: os tais eixos X, Y e Z.

Que descoberta fascinante! Seu entusiasmo não podia ser controlado. Queria chamar os colegas, tirar fotos, renderizar um esquema 3D para expor em congressos, chorar de emoção, tudo ao mesmo tempo. Mas antes precisaria de mais sequências, mais aquisições.

— Dona Telma, a senhora está confortável? Acho que vamos precisar de mais um tempinho por aqui.

Olhou para o polegar que dava o ok, e sentiu um peso na consciência. *Não posso fazer isso com ela*, cobrou de si mesmo, *pelo menos preciso explicar o motivo, frente a frente*. Apertou o botão que retirava a maca de dentro do aparelho, e já se moveu para sair da sua sala de controle.

— Na verdade, dona Telma, queria te...

Michael interrompeu a si mesmo, quando percebeu que ela permanecia imóvel. Tão imóvel que o polegar continuava em riste, exatamente na mesma posição. Sentia que seu coração começava a fazer tanto barulho na sala silenciosa quanto a ressonância poderia.

— Dona Telma? — chamou, esticando o braço para lhe chamar, mirando tocar na mesma mão que parecia lhe acenar positivamente. — AAAAAH!

Seu urro, junto ao passo para trás segurando seus próprios dedos, foram causados por uma soma da surpresa com a sensação dolorosa: a temperatura de dona Telma foi suficiente para lhe queimar as polpas digitais. Muito diferente da mão gélida de antes do começo do exame.

O que é está acontecendo aqui?!

Virou-se automaticamente para o rosto da paciente deitada, ficando ainda mais consternado com os olhos arregalados e fixos. Passou a mão diante deles, e não houve qualquer reação. Prestou atenção ao tórax, e não viu qualquer movimento, nada indicava que ela estava respirando.

— Dona Telma?!

Segurou os dois ombros, com a intenção de lhe chacoalhar, lhe tirar daquele estado de estupor, mas só conseguiu queimar as duas palmas, antes de desistir. Num lampejo de raciocínio lógico, em meio à situação excepcional e assustadora, apertou o botão de emergência na parede e gritou a plenos pulmões.

— SOCORRO!!! AJUDA, POR FAVOR!!!

Já ia voltar a queimar as mãos, começando os passos de uma ressuscitação cardiopulmonar, quando a porta principal se abriu violentamente. *Que rápido!*, pensou ao ouvir o impacto, *rápido demais até!*

— Ela não está bem, preciso de...

Pessoas entravam na sala, mas não eram os colegas que ele esperava, de avental ou roupa privativa. Homens e mulheres de roupa escura, uniformizados com capacete, fones de ouvido e botas, *armados*. Muitos deles, entrando numa profusão sem fim. Uns se dirigindo a dona Telma, outros apontando fuzis para os cantos da sala, mais alguns com estranhos aparelhos pendurados nos ombros, inspecionando a sala, e dois que pararam diante do próprio Michael. Não reconheceu o brasão dos uniformes, muito menos a sigla D.C.C impressa em cores prateadas.

— Michael, biomédico imaginologista, confere? — perguntou a mulher, com tom e expressão firmes, quase atravessando o perguntado.

— Sim... — ele hesitava, desviando o rosto para os outros vários uniformizados, cada um executando uma tarefa independente. — Quem... quem são vocês?

— Agentes do “Departamento de Controle de Ciborgues” — O homem apontou para o próprio brasão, pontuando cada letra do acrônimo. — Mas você não está em posição de fazer perguntas.

— Algo de estranho com a paciente ali, *antes* da realização do exame de ressonância magnética, Michael? — retomou a mulher com sua voz de lança.

— Nada, só durante...

— O que aconteceu durante o exame?

— Eu achei que estava tudo bem, ela estava com o polegar assim. — Imitou o dedo para cima. — Mas acho que ela já estava paralisada na posição... aliás, ela estava com a mão bem gelada antes! E agora está fervendo!!! O que está acontecendo?!

Começou a respirar de forma irregular, aprofundando cada vez mais as inspirações. Tinha certeza de que os agentes podiam ouvir seu coração batendo fora do ritmo normal.

—E você? Algo estranho aconteceu com você durante o exame? — ela perguntou, enquanto o parceiro fazia anotações num tablet.

Fora tudo isso aqui?!

— Eu vi o cérebro dela... digo, tinha algo errado na imagem... quero dizer, não sei, era estranho e pareciam fios entrelaçados...

Alguém se aproximou e iluminou seus olhos com uma luz verde, sem ao menos pedir permissão. Outro colocou uma pulseira eletrônica no seu antebraço esquerdo, mesmo ele tentando se desvencilhar.

— O que...? — Não conseguiu externar sua indignação, pois uma outra agente segurou sua boca e lhe examinou os dentes.

Percebeu que a agente da voz forte olhava para o colega que tocava dona Telma com luvas grossas. Depois de pouco tempo, este lhe devolveu o olhar, balançando a cabeça negativamente, ao que Michael sentiu um peso imenso e súbito. *Está morta?!* A agente, em resposta, levou uma mão ao fone do lado direito.

— Central, temos informações preliminares. Tudo bem com o sujeito-teste de código MD-15.740. Reação nominal à exposição ao campo magnético do aparelho de ressonância magnética. Liberado para próximas etapas.

Mas o que?! O outro acabou de dizer para ela que dona Telma NÃO está bem!

— Mas o sujeito-teste TL-15.703 apresentou falhas. Provável superaquecimento e disfunção estrutural motora severa. Deverá ser encaminhada para diagnóstico.

Hein?!

— Do que você está falando? — Michael se sentiu compelido a perguntar, a dúvida começando a encher sua cabeça com ideias pouco concatenadas. — Que outro sujeito...

Dois agentes foram rápidos e algemaram suas mãos, prendendo-as junto ao corpo. Outro conseguiu posicionar uma mordação, também eletrônica, e ele não conseguia mais dizer palavra alguma. Só grunhir, quando em verdade queria perguntar, mais uma vez, *O QUE ESTÁ ACONTECENDO AQUI?!?!?!?*

— Parabéns, MD-15.740! — A voz da agente agora era de felicidade. Seu colega, que vinha anotando, também sorria. — Você conseguiu! Passou para a próxima etapa!

Os olhos arregalados de Michael não sabiam onde focar, ou se só deviam ficar fechados, para talvez acordar mais tarde. Na verdade, poderiam muito bem apenas chorar. Tentou de novo falar, argumentar qualquer coisa, informar que haviam cometido um erro, reclamar sobre seus direitos violados, suplicar. Nada escapava da firme mordação.

— Agora, com a sua licença, vamos desligar você rapidinho, só o tempo suficiente para apagar sua memória dos eventos recentes, certo? — A mudança no tom era impressionante, apesar da ameaçadora mão que se aproximava do seu pescoço com um dispositivo desconhecido. — Você não vai sentir nada e, quando acordar, já vai estar de volta aos seus plantões de sempre! Bons sonhos, MD... digo, Michael!

Tentou se debater, escapar da firme preensão dos agentes, mas era impossível. Estava completamente rendido. O discretíssimo choque foi a última coisa que sentiu, antes de sua visão se apagar.